

A RELAÇÃO DO SUJEITO E SUA DIVERSIDADE CULTURAL NO AMBIENTE ESCOLAR: FORMAS DE SILENCIAMENTO ATRAVÉS DO ENSINO DE HISTÓRIA.

Gilmar Cerqueira Souza¹; Miguel Almir Lima de Araújo²; Núcleo de Estudos Transdisciplinares³

1. Gilmar Cerqueira Souza; Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: gilcerqueira023@gmail.com
2. Miguel Almir Lima de Araújo, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: malmir2@gmail.com
3. Participantes do núcleo NIT, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: nitdedu@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Educação; diversidade; cultura.

INTRODUÇÃO

Este resumo apresenta os resultados da pesquisa intitulada “A relação do sujeito e sua diversidade cultural no ambiente escolar: formas de silenciamento através do Ensino de História” que desenvolvi como bolsista de iniciação científica. Esta pesquisa fez parte de um projeto maior intitulado “Coexistência entre cultura/s e educação: a relevância dos repertórios simbólicos da/s Cultura/s, da diversidade cultural no cotidiano da educação escolar”, que teve início em 2015 pelo Núcleo de Investigações Transdisciplinares – NIT/DEDU, da Universidade Estadual de Feira de Santana.

A cultura deve ser compreendida como aquilo que se traduz pelas múltiplas formas de expressões do sentir e do pensar humanos, das relações humanas. É com este emaranhado de signos, elementos e representações que o sujeito estabelece seus vínculos culturais formando sua identidade.

Adentrando no debate da relação entre cultura e educação, nota-se que as instituições de ensino aparecem como espaços importantes na afirmação da diversidade cultural. Contudo, embora um local de interações humanas, formadora de saberes culturais, esta, projeta frequentemente, modelos padronizados de sujeitos através de macro poderes que tendem a ditar formas destes se situarem no mundo

O Plano de Pesquisa teve como objetivo identificar se a temática da diversidade cultural está sendo considerada em uma determinada escola de Santo Estevão e investigar as diferentes expressões de diversidade cultural e suas formas de silenciamento no ensino de História.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Para a realização do plano foram utilizadas diferentes referências bibliográficas, assim como as metodologias qualitativas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, fiz uso dos seguintes dispositivos para a construção de dados: observação das aulas e questionário. Selecionei esses instrumentos por considerar que estes contribuiriam no processo de investigação.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Para a constituição do trabalho empírico na escola, utilizei como instrumentos um questionário que dialogasse com os objetivos da pesquisa e a observação participante no momento da construção dos dados. Em seguida, foi realizada a transcrição das entrevistas, e posteriormente, a análise dos dados.

A escola escolhida para a realização do trabalho foi o Colégio Estadual Emanuel Braudel Batalha (nome fictício) que está situada na cidade de Santo Estevão/BA e que atende jovens e adolescentes da região, em sua maioria estudantes da zona rural.

Os sujeitos da pesquisa foram constituídos por duas (2) professoras da disciplina de História e a diretora do Colégio Estadual Emanuel Braudel Batalha, de Santo Estevão: respectivamente, Morena, June e Flora (nomes fictícios).

Ao serem questionadas em torno de quais expressões culturais que mais aparecem no espaço escolar, fui informado que estão relativamente mais presentes no cotidiano escolar o funk, o sertanejo, o forró, a capoeira, etc. É importante destacar que é com estas expressões culturais com seus signos, elementos e representações que os sujeitos estabelecem seus vínculos culturais formando suas identidades.

Em torno disso, as instituições de ensino aparecem também como espaços importantes na constituição da diversidade cultural. Diante disso, a diversidade cultural pode e deve ser inclusa no espaço escolar tendo como finalidade combater atitudes preconceituosas e estereótipos pejorativos em relação às minorias sociais.

Ao questionar se é importante a presença das expressões culturais no cotidiano escolar, os entrevistados realçaram o valor desta presença.

Com certeza. Porque na verdade é o que a gente vive (...) apesar de que as vezes as pessoas esquecem da sua origem e da sua cultura, mas a escola tem que estar sempre revendo no planejamento a questão cultural, porque é questão de origem. Quem eu sou e da onde eu vim. (Diretora Flora)

Sim. A escola é um reflexo da sociedade, o que a gente vê lá fora, a gente automaticamente vê aqui dentro. (Prof. Morena)

Mediante a fala das entrevistadas, nota-se a preocupação em abrir espaço para a diversidade cultural no ambiente escolar e fazer a intersecção entre cultura e identidade. Nesta perspectiva, esta pode assumir um sentido de estímulo e resistência das identidades, para a vida dos sujeitos envolvidos.

Ao serem questionadas se são desenvolvidas atividades com foco na diversidade cultural, as professoras relataram o seguinte:

A gente tenta (...) mas assim, com o dia-a-dia da escola a gente fica sobrecarregado de muita coisa, é projeto, atividade, simulado, é muita coisa então, fica aquém do que deveria ser realmente realizado. (Prof. June)

Não. Fica muito assim, a cargo de alguns professores que tentam ainda fazer, mas com relação a escola coletivamente eu não vejo. (Prof. Morena)

Segundo a professora June, a estrutura burocrática da escola desempenha papel crucial nesse processo, em que as diversas demandas institucionais sobrecarregam os professores, impossibilitando-os de desenvolver atividades que asseguram a temática da

diversidade cultural. O relato da professora Morena também elucida a forma pouco afirmativa com que a escola lida com esta temática, e, assim, fica delegado somente aos professores de História essa tarefa de abordagem desta.

A diretora Flora tem outro posicionamento sobre a questão anterior.

Sempre a gente desenvolve algum projeto (...) então a gente sempre vem trabalhando com a questão cultural (...), tem o projeto São João, o projeto O Negro É Lindo, a gente tem o Memória e Arte e, além disso, temos os projetos estruturantes da SEMIC (...) (Diretora Flora)

Percebe-se que para a diretora Flora, a diversidade cultural no cotidiano escolar apresenta-se geralmente através de projetos, nas datas festivas e celebrações anuais. Porém, embora exista uma relevância destes projetos para a formação do aluno, isto, por si só, não é o suficiente. Para tanto, é necessária uma articulação pedagógica entre as disciplinas afim de envolver a diversidade cultural de maneira transversal.

Em relação à presença de um currículo eurocêntrico e, portanto, homogeneizado no espaço escolar, a professora Morena relatou que

O planejamento da gente é baseado no livro didático. Algumas inquietações, a nível de alguns professores é que a gente consegue fugir um pouquinho, mas a base é o livro. (Prof. Morena)

A fala da professora Morena expressa que o livro didático tem espaço central na organização do currículo escolar. Para uma escola constituída por diversos sujeitos, manter o livro didático como norteador é uma prática que pode contribuir para o silenciamento da diversidade cultural, por oferecer uma perspectiva uniforme.

Ao ser interpelada sobre se o Ensino de História pode contribuir nesse processo de afirmação da diversidade cultural, a professora June relatou o seguinte

Pode justamente trazer memórias e histórias. A gente tá comemorando agora 130 anos da Abolição, algo que deveria ser trabalhado (...) deveria estar tendo um momento de parada, mas nada, nada (...) então esses silenciamento persistem e ficam em sala de aula e perpassam as disciplinas. (Prof. June)

Nesse horizonte, é possível perceber a maneira como os atores educacionais ainda silenciam a diversidade cultural. Ao invés de partir para a divergência a percepções educacionais engessadas, a escola ainda mantém uma postura que pouco valoriza a diversidade cultural.

No relato das professoras June e Morena foi afirmado o seguinte, quando questionadas se estas abordavam a diversidade cultural em sala de aula

Três vezes ao ano, eu faço uma roda de conversa, de bate-papo, e procuro sempre trazer alguém de fora que é engajado em algum tipo de movimento social (...) (Professora Morena)

O tempo todo, não tem como, inclusive, nós temos muitos alunos que são evangélicos e isso é um conflito (...) (Professora June)

Nota-se, pela fala da professora Morena, certa tentativa de construção da aprendizagem com relação à diversidade cultural, inclusive, de maneira distinta das

usuais (recorrendo ao livro didático), procurando estabelecer contato direto e dinâmico entre os participantes através de bate papos e rodas de conversas.

A expressão da professora June pontua a observação da resistência de alguns alunos em considerar a diversidade cultural por influências externas. Tal fator demonstra os diversos meios com que a diversidade cultural é desconsiderada dentro do ambiente escolar, não só pelos educadores, mas também pelos próprios alunos.

Em torno do cotidiano escolar em datas específicas/comemorativas (dia do índio, dia da consciência negra, descobrimento do Brasil) a professora Morena disse que

O índio é praticamente inexistente na escola... a gente quase não vê o índio (...) até mesmo pela estrutura conteudista ele é meio que esquecido, em algumas aulas a gente consegue ainda trazer, mas a escola em si, não tem essa preocupação, não existe um projeto voltado. (Professora Morena)

Por conta de sua histórica invisibilidade, tratar da temática indígena no espaço escolar, é valorizar sua presença enquanto sujeitos e afirmar sua existência enquanto cidadãos. Porém, verifica-se na fala da professora Morena que esta situação demonstra como a cultura indígena ainda não está sendo considerada neste espaço educacional.

Destarte, as atividades educacionais precisam reconhecer as diversas manifestações culturais, propondo sua afirmação e valorização no processo de formação dos alunos. Nesta perspectiva, a diversidade cultural pode propiciar um compromisso ético entre os educadores, afim de que sejam valorizadas as culturas marginalizadas, trazendo a afirmação da cidadania para o âmbito educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A partir das discussões construídas, considero que a diversidade cultural está sendo pouco abordada nos espaços educativos da Escola Emanuel Braudel Batalha. Estas abordagens acontecem, sobretudo, em momentos eventuais. Assim, a escola, em diversos momentos, está silenciando a diversidade cultural no seu ambiente escolar.

Notei que, embora houvesse certa preocupação em considerar a temática da diversidade cultural por parte de alguns educadores da escola, diversos problemas vinculados ao contexto escolar fazem silenciar o tema, tais como: a burocracia educacional que sobrecarrega os professores; a falta de apoio efetivo da escola em fomentar a diversidade cultural cotidianamente; o planejamento do currículo escolar em torno do livro didático; a resistência de alguns alunos em considerar a relevância da diversidade cultural em sala de aula.

Dessa maneira, é necessário promover um pertinente diálogo entre setor administrativo e os professores da escola pesquisada, afim de que se possa promover uma expressiva mudança em suas práticas pedagógicas para que estas valorizem mais efetivamente a temática da diversidade cultural.

Por fim, espero que este trabalho contribua para outros interessados na temática e que este possa colaborar na construção de um espaço de reflexão e valorização com relação à diversidade cultural e o desenvolvimento da cidadania.

REFERÊNCIAS